

## VOZES NO ESCURO

Carolina Gaio PALHARES  
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ)  
[carolinagaio@yahoo.com.br](mailto:carolinagaio@yahoo.com.br)

**RESUMO:** O presente trabalho faz parte de uma investigação maior referente à minha pesquisa de mestrado sobre os discursos que circulam na interface trabalho e sexualidade dos profissionais do circuito de balada liberal carioca. Por meio de uma análise das categorias de locutor e enunciador (Ducrot, 1987), este artigo expõe uma breve análise das tensões externas que atravessam o ambiente de balada liberal, considerando, no sentido de Maingueneau (2005), que os discursos perpassam ambientes não localizados e, no sentido de Bakhtin (1986), que todo enunciado é responsivo e dialoga com o que lhe é aparentemente alheio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialogismo; análise do discurso; locutor e enunciador.

*ABSTRACT: This work is part of a more comprehensive research concerning my master's dissertation on discourses circulating in the interface between work and sexuality concerning professionals from Rio liberal ballad circuit. By means of an analysis of categories such as speaker and enunciator (Ducrot, 1987), this article presents a brief analysis of the external tensions concerning the liberal ballad environment considering, as to Maingueneau (2005), the oral, discourse do not permeate localized environments and, as to Bakhtin (1986), that every utterance is responsive and interacts with you what is apparently oblivious.*

*KEYWORDS: Dialogism; discourse analysis; speaker and enunciator.*

## 0. Introdução

“Eu tô te dando mas tô pensando no pau do Júnior, segurança gostoso”, foi uma das frases que ouvi de uma frequentadora da Club Mix, em uma das minhas incursões pelos vertiginosos labirintos das cabines de suingue da boate. A frase me chamou a atenção, porque, talvez eu, fechada em minhas perspectivas, tivesse esquecido que, para muitos, no ambiente de suingue o grande fetiche é a não posse, a posse momentânea do que é do outro, deixar-se possuir, ou outras relações referentes ao corpo como instrumento de poder tematizadas na troca de casais.

Esses posicionamentos em relação ao ato sexual, ao corpo e ao poder – e seus possíveis desdobramentos articulados com alguns discursos institucionalizados –, latentes em uma única frase, se tornaram alegoria de uma questão que temos discutido durante a disciplina de “Interações Verbais”, no curso de mestrado em Linguística, na Uerj, sobre uma noção de interação verbal e social que supera a visão clássica de 1 + 1.

A sutileza das relações mudas e acordos tácitos que perpassam os discursos escutados nas boates de suingue exprime uma ideia de interação que inclui enunciadores – no sentido de Ducrot (1987) – que não estão presentes naquele contexto imediato, mas que são recuperados pelos locutores (idem), e que também deixam transparecer suas filiações – no sentido de Maingueneau (1997) – que, apesar de também não estarem material ou conscientemente presentes, se presentificam como vozes dissonantes nas falas desses locutores.

Para Maingueneau (2005), os discursos são “integralmente linguísticos e integralmente históricos”. Nesse sentido, os discursos são socio-historicamente situados. Ora, quanto de língua não há na História e quanto de História não há na língua? Sobre a primeira assertiva, da presença da língua na História, coaduno com Ginzburg (2007) sobre a impossibilidade de se separar diaireiticamente<sup>1</sup> a narrativa histórica da ficcional. Ambas são contadas utilizando a língua e a perspectiva, redutos da subjetividade, além de a história se basear na recuperação de parcialidades que o pesquisador encontrou, com a totalidade sempre a lhe escapar; a história tece também suas particularidades ficcionais, assim como da ficção a realidade não se alheia.

Sobre a segunda assertiva, da História presente na língua, recupero Bakhtin (1986), e seu dialogismo que compreende sempre uma responsividade a enunciados anteriores e uma não neutralidade,

---

<sup>1</sup> Me refiro à propriedade diaireítica da cisão entre o bem e o mal dos símbolos que integram o imaginário no sentido de Durand, ou seja, faço uma metáfora no que tange à impossibilidade de uma pretensa separação da história como o bem – ou reduto da verdade, no sentido platônico –, do mal das supostas inverdades da ficção. DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

que considera as palavras carregadas de ideologia. Nos processos de interação social, uma densa malha de sentidos é articulada em rede, perpassada por diversos valores alheios àqueles que se podem inferir apenas do contexto imediato, localizado, mas que podem ser discursivamente recuperados, afinal, na constante trama social, o alheio nunca é alheio.

Este trabalho faz parte de uma investigação maior, que será exposta na minha dissertação de mestrado, a respeito dos processos de subjetivação dos indivíduos que trabalham com suingue no Rio de Janeiro, tendo como foco o trabalho de strippers e produtores da boate Club Mix, localizada no bairro do Centro. Para fins deste artigo, analiso uma superação do conceito tradicional de interação com base, principalmente, nas ideias dos autores já citados, através de alguns diálogos estabelecidos entre os frequentadores do referido clube, que presenciei e registrei em áudio<sup>2</sup> durante minha pesquisa de campo.

## 1. Suingue por quê?

Em meados de setembro de 2013, fui pela primeira a uma casa de suingue, após negar por diversas vezes convites de amigos, em parte por diversos pré-conceitos que tinha sobre o ambiente, em parte por não ter interesse em participar de um evento desse tipo. Decidi, com muitas ressalvas, finalmente aceitar a proposta e ver como uma festa desse tipo se configurava. Junto com dois amigos, em uma quarta-feira, fui à boate Mistura Certa, localizada no centro do Rio de Janeiro. O evento que acontece às quartas se chama "Quarta a quatro", permite a entrada de casais e de mulheres solteiras<sup>3</sup>.

O clube possui o ambiente da boate<sup>4</sup>, e o ambiente do suingue separado em duas partes, uma em que além das cabines individuais e coletivas possui a cama de baco<sup>5</sup>, e outra que além dessas cabines conta com um quarto com um massoterapeuta, que realiza dois tipos de

---

<sup>2</sup> Todos os áudios que registrei, incluindo desde entrevistas até gravações de algumas interações sexuais, tiveram autorização por escrito de todas as pessoas cujas vozes podem ser neles escutadas.

<sup>3</sup> Em alguns dias, é permitida a entrada de solteiros, porém nesta e em outras boates que conheci, o padrão para a maioria dos dias é a entrada de casais e solteiras, sem que isto se configure uma festa "homo", "bi", ou algo do tipo, ficando esses termos reservados para festas voltadas para o público homossexual masculino. É interessante observar que o "bi" feminino não é tido como um bissexualismo ou um homossexualismo, se mostrando latente uma questão de gênero em que o homem é tomado como referência, tema vasto para uma discussão, porém não objetivado a ser tratado nesta investigação, sendo esta apenas uma observação.

<sup>4</sup> Nos clubes de suingue, a parte destinada ao suingue propriamente dito se chama ambiente ou área do suingue, enquanto o ambiente ou área da boate se refere à parte que tem o funcionamento similar ao de uma boate convencional.

<sup>5</sup> A cama de baco, comum às casas de suingue, é uma cama maior do que as camas convencionais, própria para uma quantidade maior de pessoas terem relações sexuais, algumas casas de suingue anunciam em seus materiais de divulgação a quantidade média de pessoas que cabem na cama; seu nome é uma referência ao deus romano Baco, fazendo uma alusão às festividades de culto a ele.

massagem, a convencional e a "massagem fetiche". Fui questioná-lo sobre o que seriam essas massagens, ele me explicou que a massagem convencional objetiva "eliminar a tensão", já a massagem fetiche seria uma espécie de massagem tântrica, podendo ocorrer também masturbação e sexo como um complemento. "Então você é garoto de programa?", perguntei, ao que ele me respondeu: "Minha filha, na minha idade, eu sou velho de programa.". Perguntei se ele fazia massagem em homens, ele me disse que sim, mas somente a convencional, a tântrica e os programas eram restritos ao público feminino.

Os garotos (ou "velhos") de programa que havia conhecido até então, em sua maioria, não costumavam selecionar o público por gênero, mas por práticas – *e.g.*, fazer programas com homens mas somente no papel de ativo sexual –, questionei-o sobre esta particularidade e sobre outras práticas atinentes ao seu trabalho, inclusive sobre sua vida afetiva e sexual fora dali.

Durante a conversa, percebi pelas respostas e pelo desprendimento com que ele me falava de suas atividades de trabalho – e da repercussão delas na sua vida cotidiana – uma liberdade, uma fala livre de alguns estigmas e tabus comumente associados ao sexo. Obviamente, não desconsidero a manipulação da subjetividade e do *self*, nos termos de Goffman (2008), afinal aquele foi nosso primeiro contato e, além de estar "vendendo" uma imagem de si, o massagista estava vendendo também um produto para uma possível cliente.

Apesar disso, esse agenciamento me despertou uma curiosidade de descobrir as fronteiras dessa liberdade e sua configuração no cotidiano do suingue, e, mais do que isso, me despertou um interesse em entender que relação as pessoas envolvidas com o mercado do sexo – especialmente nas casas de suingue – mantêm com a sexualidade, considerando, com Foucault (1988), que

Existe, talvez, uma outra razão que torna para nós tão gratificante formular em termos de repressão as relações do sexo e do poder: é o que se poderia chamar o benefício do locutor. Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura.

Esta investigação não se restringe a essa tensão transgressão/repressão proposta por Foucault; embora ela esteja presente, representa figuras binárias, insuficientes para dar conta da complexa malha da socialização humana. Elas tematizam alguns aspectos de poder e resistência – no sentido de Foucault – interiores ao

ambiente da boate, como as relações entre poder e corpo explícitas na frase que dá início a este artigo, por exemplo, mas também referem-se a relações que a princípio são exteriores ao suingue, mas o atravessam e é por esse entremeio discursivo que este trabalho se interessa, com seu foco nas relações interpessoais que as transbordam, que falam de outros que elas sequer se dão conta de que estão ali.

Era uma segunda-feira do mês de novembro, dia da segunda edição de uma festa que se dizia pioneira, como o primeiro evento de suingue fixo às segundas-feiras, no centro do Rio de Janeiro. Segundo o anúncio no site e na página do facebook, a festa Segundas Intenções – realizada na boate Club Mix – tinha um script contendo uma hora de open bar para os frequentadores que tivessem previamente colocado seus nomes na lista (via telefone ou no mural do evento no *facebook*), DJ, música ao vivo, mesa de frios e show de *stripper* masculino e feminino, além, é claro, do suingue propriamente dito, reservado a um ambiente<sup>6</sup> separado da boate, no segundo andar.

O show de cada dançarino, de aproximadamente 10 minutos, consistia em uma performance teatralizada em que o dançarino aparecia fantasiado e realizava uma pequena cena referente à fantasia que usava, para posteriormente tirar a roupa até a nudez, durante uma música; além disso, fazia parte das performances, também, o que é chamado de “interação”, uma espécie de jogo sensual com os frequentadores, *e.g.*, sentar no colo, puxar para dançar, simular uma relação sexual. O *stripper* masculino, que chegara vestido de policial, terminou sua apresentação trajando apenas uma bandeira da união europeia.

Logo após as apresentações da dançarina e do dançarino, o DJ começou a tocar uma versão remixada de “Tempo perdido”, do grupo Legião Urbana, a que se seguiram outras músicas fora do que seria esperado para um contexto erótico. A bandeira aludindo a um sistema econômico/político e a música com temática depressiva, aparentemente, surgem como signos contrastantes com o ambiente de uma boate de suingue, parecem divergir do que o senso comum consideraria uma isotopia para um evento daquele tipo. Mas à parte qualquer discordância temática entre estes elementos, eles estavam ali e não causaram estranhamento nem nos frequentadores nem nos trabalhadores, dando a entender que integravam o etos local.

Essa abertura para signos muito diversos compondo o etos do suingue não é alheia às tendências contemporâneas sociais de sujeito cindido e de sociedade múltipla, pelo contrário, é metonímia de um todo

---

<sup>6</sup> Na boate Club Mix há dois andares, o suingue propriamente dito só ocorre no segundo andar; no primeiro andar, no ambiente da boate, ficam o bar, dois banheiros (masculino e feminino), uma pista de dança, alguns sofás e cadeiras com mesas, como em uma boate tradicional; é nesta área do clube que se apresentam os dançarinos, o DJ e a banda.

maior social e, com isso, reforça a proposta aqui apresentada de analisar as relações de força que se dão nas interações dentro do *suingue*, com a análise interacional que transcende a ideia de 1 + 1, revelando que nem o 1 é único.

## 2. A era das subjetividades negociadas e negociáveis

O constante surgimento de vídeos de tutoriais no *youtube*, a legitimação das opiniões de *it girls*, a popularização de programas televisivos de viagens e *reality shows* e uma reconfiguração da vida real dada pelas redes sociais não são fatores isolados. Na composição do todo social, esses elementos caminham juntos para o que chamo de uma pornografização da experimentação do real, ou seja, uma tendência de criação de sentidos através da experiência do outro.

É a pornografia o gênero por excelência do voyeurismo, em que desejos eclodem por meio da espetacularização dos desejos alheios. É ela essa principal maçã de Adão, bode expiatório social que oferece o prazer ao sujeito e o livra das implicações. Nessa direção é que as mídias sociais cada vez mais têm se inscrito se oferecendo para esse papel, seja por meio de seus programas, seja por meio de sua estruturação, percebendo uma tendência social em que as experimentações do outro e suas opiniões passam a legitimar o eu.

Maffesoli (2014), com o conceito de *homo eroticus*, vê no arranjo social contemporâneo um sujeito direcionado para essa experimentação do mundo que metaforizo com a pornografia, a mudança do *homo oeconomicus* para o *homo eroticus* reflete a passagem de um sujeito que criava sentidos com base em suas relações de trabalho e que passa a criá-los na sua relação com o outro.

Natural que, nesse contexto, o sexo se torne a metáfora e a metonímia de si mesmo. Se é a experimentação do outro a que legitima as relações sociais, o *suingue* se torna um dispositivo não só possibilitador de se perceber e compreender essas relações, mas se coloca principalmente como um observatório *in loco* da realização delas, por exemplo, se pensarmos em casais que sequer realizam trocas, *ménages* ou *surubas*, mas frequentam esses locais exclusivamente pelo exibicionismo e/ou pela observação, assim como alguns casais ou performers que realizam shows de sexo durante as atividades na área da boate.

Os principais eventos até agora observados na boate Club Mix seguem um *script* parecido no que tange à realização das atividades e aos horários. Os eventos têm início às 21 horas, porém a área do *suingue* fica fechada até aproximadamente meia-noite. Neste ínterim, ocorrem shows de bandas, *strips*, interação entre dançarinos e

convidados e, às vezes, shows de sexo. Alguns casais realizam shows voluntários, porém há também *performers* contratados exclusivamente para isso; alguns *performers* são previamente anunciados, outros fingem que são um casal de frequentadores e não profissionais, esta última modalidade parece ser a que mais agrada o público.

Essas práticas que espetacularizam o sexo – o sexo para se mostrar e o sexo para se assistir – refletem esse sujeito que se satisfaz com a experiência – ou o prazer – do outro, ou seja, um indivíduo que se torna pleno na alteridade. Esse sujeito não finalizado em si é também, ainda em Maffesoli (2004), um sujeito cindido, que compreende potencialidades divergentes:

O que é considerado indivisível, o indivíduo, é antes de tudo fragmentado. Também aqui, a experiência é boa conselheira, mostrando constantemente que a fragmentação é coisa cotidiana. (p.113)

Se “Deus precisa sempre de seu pai: Satã” (id. *ibid.*, p.118), essas faces opostas também compõem o sujeito fragmentado. Estendendo essa cisão e esse encontro de si no outro para uma perspectiva discursiva, o trajeto inevitável da enunciação é caminhar pelas lacunas da opacidade da linguagem e, com isso, exibir as vozes e discursos que residem na multiplicidade da pretensão do um: na fala de um único locutor, os diferentes enunciadores se manifestam e, às vezes, até filiações contraditórias, afinal, também os discursos se formam na tensão da complexidade, nas raias muito diversas que engendram a rede social.

### 3. O *mise en abyme*<sup>7</sup> da enunciação

A Teoria Argumentativa da Língua, ou ADL, de Ducrot (1988), foi proposta por Ducrot e Jean Anscombre como uma solução para uma visão tradicional da argumentação que a colocava sempre em um plano circular, considerando como verdade dos enunciados que: se “A porque B”, então “B portanto A”. A ADL surgiu, então, como uma superação dessa circularidade que, inserida numa práxis social, nem sempre se configura como uma racionalidade generalizante.

A ADL compreende três momentos, cada um desses momentos sendo uma espécie de atualização do anterior, mas sem o seu total abandono. A ideia que centraliza a teoria e se faz presente em seus três momentos é a de que a argumentação está presente na língua, não

---

<sup>7</sup> Há versões do termo em português para “narrativa em abismo”, “espelhamento do abismo”, entre outras, opto pela expressão como fora originalmente aplicada por Gide IN GIDE, André. Os frutos da terra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

sendo, portanto dada por fatores externos a ela. Dessa forma, é pela língua que a argumentação é recuperada e pode ser esmiuçada.

O primeiro momento da ADL tem seu foco em discernir entre determinadas palavras e expressões que, para Ducrot, sofrendo mínimas alterações – como o acréscimo ou o decréscimo de um artigo – alteram os efeitos da argumentação. Um exemplo é a distinção entre as formas “pouco” e “um pouco”; em um enunciado como “Gabriela estudou pouco” em contraposição a “Gabriela estudou um pouco”. Do primeiro enunciado, depreende-se a ideia de que o estudo foi insuficiente, já do segundo, de que ainda que o estudo tenha sido pouco, ele foi produtivo.

O segundo momento da teoria é o dos *topoi* ou lugares argumentativos, ou seja, o sentido é dado conforme o lugar de onde se fala. A imagem abaixo exposta já foi publicada por diversas páginas extremistas feministas e também por páginas antifeministas na rede social *facebook*. Ambos os grupos utilizaram a imagem para apregoar e/ou reforçar os valores a que se filiam, com ares de exaltação ou de crítica. Esse uso da mesma imagem por grupos que se declaram opostos ilustra exatamente a teoria dos *topoi*.

Conforme a legenda e os comentários publicados junto com a imagem nas páginas extremistas feministas, a interpretação que o grupo depreendeu da imagem é que a vulva feminista destrói o órgão sexual masculino, com uma proposta de que este ato de violência material possa destruir a violência simbólica que as feministas alegam sofrer dos homens, automaticamente considerando-os criadores, culpados e reprodutores constantes das teorias machistas.

Mudando o *topos*, nas páginas extremistas antifeministas, a interpretação dada à imagem foi bastante diferente. Conforme as legendas e os comentários, percebia-se uma interpretação que considera a vulva feminista predadora devido às feministas estarem muito carentes de relações sexuais com homens, o que tornaria seu órgão sexual “desesperado” e, portanto, predador. A justificativa para a relação do feminismo com a ausência de relação sexual com homem, nesses grupos, se dá pelas questões que a ideologia coloca, consideradas agressivas – histéricas – e não pensadas, impulsivas, reações relacionadas aos instintos e que, portanto, com eles se resolveriam.

Essas leituras da imagem tematizam os *topoi* argumentativos de Ducrot; conforme o local de que se fala, os efeitos de sentido são completamente diferentes. Nesse caso, uma mesma imagem pôde ser utilizada por grupos opostos, algo plausível dentro dessa lógica. No entanto, apesar de os *topoi* argumentativos serem bastante diferentes – e isso possibilitar que as diferentes interpretações tenham “agradado”

grupos opostos –, em ambas as posições há uma filiação freudiana latente à ideia do falo e de suas sublimações. O primeiro enunciador quer o extermínio do falo pois ele é o problema, o segundo considera que todo o problema reside apenas na sua falta.

A teoria dos *topoi*, segundo momento da ADL, dando exclusividade ao local de onde se fala, foi remodelada pelo autor, por tê-la considerado posteriormente uma visão demasiadamente arraigada na retórica, o que para ele talvez mais exteriorizasse do que retivesse, na língua, as análises. Na terceira fase da ADL, Ducrot optou pela teoria de encadeamento discursivo, em que os elementos dos enunciados se constroem na relação de uns com os outros, o que, por analisar enlaces linguísticos, chegou a ser considerado uma teoria da não argumentação.

Em *O dizer e o dito*, Ducrot (1987) trabalha com os conceitos de locutor L, locutor  $\lambda$  e enunciador. A categoria do enunciador diz respeito às perspectivas narrativas, ou seja, ele é o responsável por cada filiação discursiva presente no texto. O locutor dá voz a esse(s) enunciador(es), sendo o responsável pela fala material. No discurso direto, *e.g.*, há mais de um locutor. Esse tipo de construção é a iniciativa de transformar os enunciadores em locutores e/ou de explicitá-los, de forma a legitimar sua fala e/ou garantir afastamento. Conforme essas categorias de análise, na imagem anteriormente exposta estão presentes um locutor e dois enunciadores.

O locutor L é a materialidade do discurso – ou a forma –, já o locutor  $\lambda$  é a materialidade no mundo – substância. Utilizando a frase com que comecei este artigo para explicitar essas categorias, temos:

“Eu tô te dando mas tô pensando no pau do Júnior, segurança gostoso”

I – Um locutor  $\lambda$  que realiza o ato sexual no mundo.

II – Um único locutor L que dá voz a diferentes enunciadores.

III – Um enunciador i que se identifica com “eu tô te dando”.

IV – Um enunciador ii que se identifica com “mas tô pensando no pau do Júnior, segurança gostoso”.

Portar implícitos e conferir um reforço semântico à unidade que introduz é característica do “mas”. Dessa forma, o locutor L se identifica com o enunciador ii, já que não reforçaria a unidade contendo a opinião oposta à sua. O enunciador i possui um implícito de que o convencional seria estar pensando na pessoa com quem se está realizando a atividade sexual, enquanto a unidade introduzida por “mas” promove sua quebra. Estar pensando no “Júnior” é incompatível com a primeira unidade, portanto há um outro enunciador instaurando uma nova visão narrativa, com a qual o locutor L entra em consenso.

Corroborando as ideias de Maingueneau de que os enunciados são macroatos de linguagem, perpassados pelos valores do coletivo, essa

pequena frase ainda permite outras leituras, em diálogo com os conceitos apresentados de Ducrot. Fora do contexto do *suingue*, há incompatibilidade entre os enunciadores i e ii, incompatibilidade esta que é reforçada pelo uso do "mas" como recurso linguístico. Porém, dentro das ética e moral específicas do contexto do *suingue*, a ideia de se relacionar sexualmente com uma pessoa e estar pensando em outra(s) não reflete necessariamente uma oposição, pelo contrário, é o tipo de comportamento que deveria ser o mais comum e desejado, conforme suas propostas.

Dessa forma, o locutor L recusa valores próprios do contexto imediato, ou localizado – nos termos de Maingueneau – e reafirma os que lhes são alheios, com eles se identificando, já que julga e considera os atos do locutor  $\lambda$  incompatíveis. Não busco uma intencionalidade, ou consciência nessa fala, o que vejo é apenas, através dessa breve análise, uma adequação da fala do locutor L a uma moral outra em relação à do local em que fora produzida, arraigada em valores tradicionais não pertencentes ao *suingue*, mas que, ao serem reforçados em seu ambiente, o atravessam, mostrando uma transversalidade nas relações humanas que se deixam entrever nos discursos.

Considerando essa articulação entre Ducrot e Maingueneau na análise da frase, a ideia de que ela possui apenas dois enunciadores passa a ser reducionista e falaciosa. Devemos pelo menos pensar, se for o caso de manter que são apenas dois enunciadores que se mostram, que também eles são múltiplos, ou que se ramificam, conforme a teoria proposta por Ducrot. Em um contexto amplo, o enunciador ii que instaura uma oposição com os valores do senso comum e não com os valores do contexto imediato do *suingue* não pode se restringir apenas à oposição formal dada pelo coordenante adversativo, já que ele, ao mesmo tempo em que fala do imediato, se desloca para além dele.

Em um contexto restrito, se abandonarmos esse deslocamento da oposição e pensarmos em possíveis efeitos de sentido dela dentro do contexto do *suingue*, aqui também a enunciativa pode se ramificar, gerando novos enunciadores. A designação do homem em quem o locutor L disse estar pensando foi feita, ou seja, não é colocada uma pessoa aleatória "estou pensando em outro", mas determinada. Seria "Júnior" o foco da excitação? A determinação do nome da pessoa também tem suas particularidades e consequências.

Esse dito sobre não estar pensando no homem com quem a mulher se relacionava, mas em outro, pode ser motivo de humilhação, de alívio, de excitação etc.? Quais seriam os limites para cada uma dessas sensações? Não há acesso pleno às possibilidades que se desdobram da subjetivação humana. Nas lacunas do desejo, se torna simplista tentar determinar a quantidade de enunciadores presentes em

uma frase como essa. Esboçamos possibilidades linguisticamente marcadas, ou reflexos de outros discursos; as perspectivas narrativas em sua totalidade, porém, são inacessíveis, não há descrição que possa exauri-las.

Estas possíveis leituras que expus da frase materializada pelo locutor L, ainda, coaduna com Bakhtin, no sentido de considerar que as palavras não são neutras, mas sempre portam ideologias, uma das características de sua teoria dialógica, ao lado da responsividade. Ora, como é possível se fazer uma oposição na fala, se ela não se colocar em caráter responsivo em relação a enunciados anteriores? É exatamente a sua inserção nessa malha de enunciados que permite que suas relações internas ocorram; no caso específico analisado, a de oposição.

À luz da articulação crítica das ideias dos autores aqui expostos considero toda enunciação sempre como uma metaenunciação ou um *mise en abyme* discursivo. Metaenunciação porque ao ser perpassada pelos valores que podem aparentar estar alheios ao contexto imediato, ela é sempre autorreferencial como nó dessa rede. O *mise en abyme*, como representação da narrativa infinita, é essa espécie de boneca russa do discurso, às análises de cada camada, encontramos uma dentro da outra de maneira sempre reflexa e responsiva. Transversalidade atravessada por valores coletivos compõe a malha discursiva que se espelha e se desdobra nela e dela mesma. Uma dentro da outra, o olhar perdido no eterno do abismo do sentido.

#### 4. Considerações finais

Quais são os limites de uma articulação entre língua e as suas marcas sócio-históricas? Lee Whorf, nas aulas de Sapir, já se inquietava com essa questão, a ponto de ter postulado, com o mestre, a hipótese da língua como determinadora da cultura e, em consequência, das realidades da consciência. A esse favor, a hipótese Sapir-Whorf argumentava a respeito da impossibilidade das traduções.

Talvez seja essa a nossa grande questão. Seja no contexto de outra língua, seja no contexto da interpretação, que só a própria língua, permeada por sua opacidade, é capaz de fazer, como é possível recuperar universos linguísticos? Em auxílio se colocam alguns critérios de análise, mas até eles, às vezes, somente aumentam as perguntas. Que grau zero da linguagem nos daria respostas?

Esse artigo procurou refletir sobre a interface língua e sociedade, não as considerando como unidades autônomas, mas como universos imbricados que, talvez, sejam apenas formas diferentes de se dizer o mesmo. Para pensar nessas implicações mútuas, analisei uma situação comunicacional ouvida em uma das festas promovidas pela boate de

suingue Club Mix, através das contribuições de autores que buscam superar a visão clássica de interação verbal 1 + 1.

Não poderia haver simetria e unicidade se o sujeito não é um, se na língua diversas vozes já se fazem presentes, às vezes de maneira tão cristalizada que ao olhar naturalizado se torna difícil de perceber. No samba em que as necessidades científicas insistiram em separar as visões apolínea e dionisiaca, ou as de ordem individual e as de social, e as visões eventual e estrutural, muitas na esteira da linguística saussureana, como se esses elementos se deixassem isolar, há que se realizar a superação dessas dicotomias. O um é múltiplo, as estruturas têm história.

Sahlins (2008) considera que os eventos atualizam as estruturas, ou seja, o acontecimento de um evento é também a sua renovação. Nessa linha, história e antropologia se permitem articular – ou diacronia e sincronia, ou social e individual, conforme se vê nas diversas teorias que insistem em alienar esses elementos. Não é diferente com a língua. Embora de maneira isolada um falante sozinho não possa mudar a língua, a gosto de Saussure, é na prática que as estruturas se refazem, disso não se foge.

Se é o ponto de vista que cria o objeto, em que medida a história confere materialidade à língua e a língua confere maleabilidade à história, desestabilizando as noções de real? Ginzburg (2007) compara o historiador a Teseu que, perdido no labirinto do minotauro, é guiado apenas pelo fio de Ariadne. Assim o historiador realiza seu trabalho, seguindo as pistas a que a parcialidade lhe permite ter acesso. A metáfora coloca a questão da impossibilidade da neutralidade até mesmo na história, isso que muitos, ao explicar os percursos dos estados e modos de vida atuais – usam para justificar e até religiosamente crer e explicar um perseguido sentido da existência.

É nesse sentido que o autor postula que não há uma separação total entre história e ficção, até mesmo porque desta última, inserida e atravessada pelos valores de um macrocontexto em que se insere, sempre há um fio de realidade passível de se recuperar. O fio de Ariadne. Também a ficção se engendra nesse mesmo labirinto do minotauro. De muitos minotauros outros.

Como pensar a língua, também vítima das parcialidades humanas, das parcialidades sócio-históricas, que as estruturam, mas também pelas parcialidades é permeada no discurso? Ao avaliar processos de interação verbal, o fio de Ariadne que nos conduz é o mesmo que nos trai: a língua, com suas fronteiras muito difusas. Talvez nisso resida seu fascínio.

## Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- DUCROT, O. "Argumentação e 'topoi' argumentativos". In: GUIMARÃES, E (Org.). *História e Sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. Os *topoi* na teoria da argumentação na língua. In: *Revista Brasileira de Letras*, São Carlos: UFSCar, v. 1, n. 1, p. 1-11, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GINZBURG, C. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- MAFFESOLI, M. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Homo Eroticus: comunhões emocionais*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- \_\_\_\_\_. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos Discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Novas tendências em Análise do Discurso*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola editorial, 2010.
- SAHLINS, M. *Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios do reino das ilhas Sandwich*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.